

O convívio escolar em *Atypical* e o reconhecimento da neurodiversidade

School life in Atypical and the recognition of neurodiversity

Igor Lucas RIES¹
Aline VAZ²

Resumo

Essa pesquisa observa as representações da busca pelo reconhecimento da neurodiversidade no contexto escolar presentes na série *Atypical* (2017). Para a identificação dos convívios e conflitos vivenciados em ambiente escolar foi elaborado um atento levantamento dos oito episódios da primeira temporada da série. O corpus teórico é constituído pelas teorias do reconhecimento intersubjetivo (HONNETH, 2003), neurodiversidade (SINGER, 1999), convívio e forma de vida (FONTANILLE, 2014) e pela resignificação (MÜHL & ESQUINSANI, 2004). Notamos que os achados enunciados na série revelam que a resignificação não se dá apenas para o autismo e seus estigmas ou ainda para o seu portador, mas contribui no campo comunicacional com seus interlocutores e com a sociedade que luta por reconhecimento das atipicidades.

Palavras-chave: Autismo. Convívio escolar. Neurodiversidade. Reconhecimento. Resignificação.

Abstract

This research considers the representations of the seek for recognition of neurodiversity in the school context present in the *Atypical* series (2017). In order to identify the experiences and conflicts experienced in the school environment, a careful survey of the eight episodes of the first season of the series was prepared. The theoretical corpus consists of the theories of intersubjective recognition (HONNETH, 2003), neurodiversity (SINGER, 1999), conviviality and forms of life (FONTANILLE, 2014) and resignification (MÜHL & ESQUINSANI, 2004). We note that the findings stated in the series reveal that the resignification does not happen only for autism and its stigmas or even for its carrier, but contributes in the communicational field with its interlocutors and with the society that fights for the recognition of atypicalities.

Keywords: Autism. School life. Neurodiversity. Recognition. Resignification.

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (PPGCom/UTP). Bolsista CAPES/Brasil. Membro do GP Interações Comunicacionais, Imagens e Culturas Digitais INCOM-UTP. E-mail: igorlucas18@gmail.com

² Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Linguagens da Universidade Tuiuti do Paraná (PPGCom/UTP). Pesquisadora associada ao Grupo de Pesquisa “Desdobramentos Simbólicos do Espaço Urbano nas Narrativas Audiovisuais” (GRUDES, PPGCom-UTP / CNPq). Bolsista CAPES/PROSUP. E-mail: alinevaz900@gmail.com

Introdução

A série americana *Atypical* (2017), um lançamento original *Netflix*, criada por Robia Rashid, até o presente momento, conta com três temporadas disponíveis no serviço de *streaming*.

A sinopse apresentada para a primeira temporada, objeto deste estudo, disponível no site oficial da *Netflix*, apresenta a seguinte síntese: “quando um adolescente com traços de autismo resolve arrumar uma namorada, sua busca por independência coloca a família toda em uma aventura de autodescoberta”. Logo na sinopse é notável a palavra “independência” como norteadora do desenvolvimento narrativo, estabelecendo-se na ordem do clímax e dos conflitos diegéticos. Esta busca por independência e reconhecimento de um novo modo de ser e de agir, neurodiverso, acontece, em boa parte da série, no ambiente escolar onde o protagonista Sam, autista, vive suas experiências.

É neste contexto que esta pesquisa pretende verificar, por meio da análise da série *Atypical*, as representações da busca pelo reconhecimento intersubjetivo da neurodiversidade no contexto escolar vivido pelo estudante e protagonista Sam, que tem autismo. Por isso, como problema de pesquisa, temos a questão: como ocorrem as representações de busca por reconhecimento da neurodiversidade vividas pelo estudante e protagonista Sam, autista, da série *Atypical*, no seu contexto escolar?

De modo geral, o objetivo é identificar as representações da busca pelo reconhecimento da neurodiversidade no contexto escolar presentes na série *Atypical*. De maneira específica, objetiva-se: contextualizar o TEA – Transtorno do Espectro do Autismo e apresentar os fundamentos e movimentos teóricos da neurodiversidade; relacionar as esferas do reconhecimento intersubjetivo e o enfoque da solidariedade; identificar, nos capítulos da primeira temporada da série *Atypical*, as cenas que representam as experiências de cotidiano escolar vivenciadas pelo protagonista e estudante Sam, autista, e analisa-las sob o enfoque do reconhecimento intersubjetivo e da resignificação.

Os casos de diagnósticos de autismo³ aumentam significativamente e, conseqüentemente, trazem reflexos nos ambientes familiares, de convívio social como nas escolas e se tornam, portanto, pauta midiática presente em jornais, notícias, nos grupos de redes sociais digitais, nas narrativas ficcionais, bem como filmes e séries.

Assim, essa pesquisa se justifica, pois, a presença de jovens com autismo que vivenciam experiências cotidianas, em ambiente familiar, de convívio social e educacional, com temática e personagens que protagonizam narrativas seriadas e dão força às novas pautas midiáticas, sugere que há um movimento com interesse especial ao modo de vida de quem tem autismo. Muniz Sodré (2006) indica, neste contexto, que a mídia referencia o homem que, por sua vez, passa a usá-la para dar sustentação à cultura e, conseqüentemente, à capacidade de compreender as coisas por meio da razão e da emoção.

Outro motivo que favorece a escolha de *Atypical* é o fato desta série não abordar os tradicionais potenciais *savants*⁴ dos casos de autismo mais extraordinários. Na década de 1970, Sodré (2000) apontou que a percepção que historicamente se tem da pessoa com algum tipo de deficiência é vinculada a um desvio da organicidade natural, como monstros (*teratos*), e que tais significados podem influenciar poderosamente a imaginação coletiva, uma vez que a cultura de massa é um espelho que reflete a identidade da sociedade e as suas estruturas. Espelho este, portanto, que a sociedade se olha e se oferece como espetáculo. Isso explica a preferência pelo extraordinário, o fascínio por certas aberrações em programas de variedades, onde aqueles que são significativamente diferentes acabam protagonizando a atração, oferecendo-se ao espetáculo, por vezes, vulgarizando suas características e contribuindo com a intensificação do estigma, com a perpetuação dos mitos e preconceitos que os cercam. Por outro lado, *Atypical* apresenta as fragilidades, rupturas e vivências cotidianas de um

³ Entendido como uma condição do desenvolvimento neurológico, o TEA é caracterizado por uma alteração da comunicação social e pela presença de comportamentos repetitivos e estereotipados (BRASIL, 2014). Na década de 90, as estimativas mundiais indicavam a prevalência de um caso para cada 2.500 crianças (JUNIOR, 2010). Em 2014, estatísticas apresentadas pelo CDC (*Center of Diseases Control and Prevention*) indicaram a existência de um caso de autismo para cada 68 pessoas, ou seja, 1,47% da população mundial. Em 2016, a Organização das Nações Unidas divulgou a estimativa de que cerca de 1% da população mundial vive com autismo, o equivalente a 70 milhões de pessoas no mundo. No Brasil, portanto, o percentual equivale a 2 milhões de pessoas dentro do espectro (JUNIOR, 2014).

⁴ A síndrome de *savant* é considerada um distúrbio psíquico com o qual a pessoa possui uma grande habilidade intelectual aliada a um déficit de inteligência. As habilidades *savants* são sempre ligadas a uma memória extraordinária, porém com pouca compreensão do que está sendo descrito. É encontrada em uma a cada dez pessoas com autismo. (UNIVERSO AUTISTA, 2016).

jovem autista que cresce e experiencia seus desafios familiares e sociais, em ambientes familiar e escolar.

A fase inicial deste estudo contemplará a pesquisa exploratória, com levantamento de dados bibliográficos, para a teorização do movimento da neurodiversidade e dos conceitos do reconhecimento intersubjetivo. Enfocando o olhar para os episódios da série *Atypical* será desempenhada uma visada analítica a partir dos sistemas semi-simbólicos (FLOCH, 2001) que se fazem verificáveis não na conformidade, mas na correlação entre as categorias justapostas no que tange o plano da expressão (o nível de manifestação da forma - que pode ser, por exemplo, gestual, verbal, pictórica) e o plano do conteúdo (referente à produção e à interpretação dos significados - a compreensão de possíveis versões daquilo que se lê, do modo como pode ser visto). Desta forma, será possível, em primeiro lugar, descrever as cenas e, em seguida, interpretar as relações entre esses elementos decompostos (VANOYE, 1994).

Para tal análise de convívios e conflitos vivenciados em ambiente escolar será elaborado um atento levantamento dos 08 episódios, disponíveis na primeira temporada da série, intitulados: 1. *Antártida* (38 min); 2. *Uma fêmea humana* (34 min); 3. *A Julia que disse* (32 min); 4. *Um cheiro agradável e neutro* (33 min); 5. *Esse moletom é meu* (31 min); 6. *Hora de agasalhar o croquete* (31 min); 7. *O pobre Almôndega morreu* (29 min); e 8. *A característica silenciadora da neve* (37 min). Na análise dos episódios, identificando as representações que revelam a busca pelo reconhecimento da neurodiversidade, em especial por meio das fraturas criadas pelo protagonista Sam, serão consideradas as consequências de seu posicionamento, tipicamente adolescente, que, em certa medida, exclui os pais e a irmã de suas decisões e ações, incluindo outros agentes nas suas relações sociais e ressignificando os lugares determinados pelos componentes familiares, dos colegas de escola e do próprio Sam, o sujeito com autismo, que, até então, estabeleceria uma classificação organizacional e afetiva no convívio social e educativo.

Autismo e o movimento da neurodiversidade

O autismo, ou o Transtorno do Espectro Autista (TEA), característica do protagonista da série, é uma condição do desenvolvimento neurológico qualificada por uma alteração da comunicação interpessoal e pela presença de comportamentos

repetitivos e estereotipados, percebidos desde a infância, e que coloca estes indivíduos em posições particulares e com conexões restritas. Em *Atypical*, estas diferenças comportamentais são retratadas na narrativa, de modo que acompanham as buscas de Sam, o protagonista, movimentam os conflitos familiares e escolares, bem como dão conta de esclarecer como os traços autísticos se manifestam nestes convívios, reduzindo as categorias estigmatizadoras que o envolvem.

Goffman (1963, p. 5) ressalta que o estigma é “a situação do indivíduo que está inabilitado para a aceitação social plena”, o que traz para si e seus familiares a convivência diária com atributos culturalmente definidos como depreciativos, estereotipados e que comprometem suas relações. O estigma, portanto, não está enraizado nos atributos do autismo, nas suas características ou sintomas, mas surge, com todos os seus prejuízos, da relação entre este transtorno e os diferentes significados históricos e culturais que o acompanham. Ou seja, nasce das classificações feitas pela sociedade, sobretudo, através dos meios de comunicação, seus produtos e discursos, que reforçam certas noções e ideias acerca do transtorno, em relação àquilo que o autismo deveria ser, denominada por Goffman como “identidade social virtual”, ao invés de ser considerada a sua “identidade social real”, ou seja, “a categoria e os atributos que ele, na realidade, prova possuir” (GOFFMAN, 1963, p.6). Desta forma, o autismo, transtorno que ocorre em um caso para cada 68 crianças (CDC, 2014), na série *Atypical*, é posto em foco sob nova perspectiva: a luta por independência de Sam constituindo uma forma de vida (FONTANILLE, 2014) em que *conviver é superar*⁵, perseverando é possível continuar como corpo ativo assumindo e sustentando as relações cinestésicas e as disposições afetivas.

Nessa dinâmica surge uma oportunidade de análise, de aproximação e de maior contato com a empiria para, assim, entender como esses lugares e as teorias do reconhecimento e os movimentos da neurodiversidade se complexificam, afastam-se ou se aproximam. Suspeita-se que haja, aqui, um direcionamento de análise, um

⁵ Nos termos de Jacques Fontanille (2014, p. 65) o conjunto de experiências interativas e de vida coletiva (o viver junto) integra a semiótica do objeto e denomina-se como “substâncias”, associadas a um conjunto de conteúdos axiológicos e sensíveis (normas, valores e paixões) que, por sua vez, é chamado de “forma de vida”. O “conviver” nada mais é do que uma macroexperiência que pode ser analisada em experiências constituintes. A convivência é a substância da qual emergem as formas de vida humana. Na perspectiva de Fontanille há uma categoria genérica do ser/estar junto, *agir com* ou *agir contra* que poderá originar experiências interacionais em que “perseverar, na verdade, não é somente ‘continuar’, mas ‘continuar contra ou despeito de’ algo que impediria de continuar” (FONTANILLE, 2014, p. 70).

encaminhamento de pesquisa pela perspectiva da representação discursiva, ou ainda dos imaginários sociodiscursivos que rondam os núcleos social e educacional do sujeito com autismo em *Atypical*. Neste núcleo educativo, a representação narrativa seriada como campo do sintoma e lugar de reconhecimento, traz reivindicações daquele que tem autismo, ou seja, do próprio sujeito da neurodiversidade⁶ (SINGER, 1999).

Em síntese, a socióloga australiana e portadora da síndrome de Asperger Judy Singer (1999) defende que a neurodiversidade é um termo que tenta salientar que uma “conexão neurológica” atípica não é uma doença a ser tratada e, se for possível, a ser curada. Trata-se de uma categoria de diferença humana que deve ser respeitada como outras diferenças (sexuais, raciais, entre outras). Assim, os indivíduos autodenominados “neurodiversos” consideram-se “neurologicamente diferentes”, ou “neuroatípicos”. Tal conceito abre possibilidade para a aproximação das teorias de formação de identidade, de redes de sociabilidade e de comunidade, de resistência, bem como da constante negociação pública.

Assim, percebe-se que uma situação de diferença demanda um amplo processo discursivo, de diversos atores sociais e que tende a se manifestar em uma multiplicidade de contextos, formas e âmbitos comunicacionais. Este contexto, portanto, abre-nos a possibilidade do debruçar sobre a teoria do reconhecimento.

O reconhecimento intersubjetivo e o enfoque da solidariedade

A luta de grupos sociais, formados por indivíduos que pertencem à rede socioafetiva ligada ao autismo e que, por vezes, experienciam condições opressivas, justificam suas buscas individuais por igualdade, espaço nos ambientes públicos, por visibilidade ou ainda pela marcação da diferença. Tais conflitos e lutas sociais, portanto, conduziram esta pesquisa ao enfoque do reconhecimento.

Numa relação de reconhecimento existe, em Honneth (2003), uma pressão pela reciprocidade. Ou seja, há a necessidade de se reconhecer um parceiro de interação

⁶ A abordagem da neurodiversidade é primariamente um chamado para incluir e respeitar pessoas cujos cérebros trabalham de maneira atípica, independentemente de seu nível de incapacidade. Isso exige desafiar as suposições sobre o que é normal, o que é necessário e o que é desejável para uma pessoa viver bem. Melhores acomodações e a redução do estigma melhorariam imensamente a vida das pessoas neuroatípicas, bem como uma definição mais ampla de uma vida significativa. Como Taylor coloca: “a cultura ocidental tem uma ideia muito limitada do que é útil para a sociedade. As pessoas podem ser úteis de outras maneiras que não monetariamente” (BAILIN, 2019).

como um determinado gênero de pessoa, para que um sujeito possa se ver reconhecido nas suas relações com este mesmo gênero de pessoa. Assim, este sujeito perceberá as propriedades e capacidades de se sentir confirmado.

Amparado em Hegel, Honneth (2003, p. 113) se aproxima, então, da ideia de construção do mundo social, como um “processo de aprendizado ético que conduz, passando por diversas etapas de uma luta, as relações cada vez mais exigentes de reconhecimento recíproco”. Compreendemos que, desta forma, nas interações sociais experienciadas, cada sujeito poderia contar, considerando suas particularidades individuais como o autismo, com um sentimento de reconhecimento solidário.

Neste caminho rumo à eticidade, considerando premissas da intersubjetividade e a existência de diferentes formas de reconhecimento recíproco, Honneth (2003, p. 121) percebe nas doutrinas de Hegel, inscritos com tendências que lhe permitem supor, “com o ‘amor’, o ‘direito’ e a ‘eticidade’, uma série de três relações de reconhecimento, em cujo quadro os indivíduos se confirmam reciprocamente como pessoas autônomas e individuais”. Desta forma, mais uma vez o autor retira a força da inclusão econômica e considera estas três dimensões como formas de reconhecimento recíproco. A experiência do desrespeito em qualquer uma destas esferas representa, na visão de Honneth (2003), a ausência de reconhecimento intersubjetivo e social e seria, portanto, um impulso para a resistência, para o conflito e, enfim, para uma luta por reconhecimento.

Honneth (2003) indica, portanto, como padrões de reconhecimento intersubjetivo o amor, o direito e a solidariedade. Considera o amor o núcleo fundamental de toda a moralidade e também apresenta a distinção das três esferas do reconhecimento: a dos afetos e da autoconfiança; a das leis e direitos, do autorrespeito; a da solidariedade social e da autoestima.

Fica claro que Honneth (2003) preocupa-se com uma explicação normativa das relações de poder, respeito e reconhecimento, e como os indivíduos e grupos sociais se inserem na sociedade atual. Mostra que esta participação se dá na luta pelo reconhecimento e não pela inclusão econômica, materialista ou pela autoconservação.

Neste sentido, enuncia a força das lutas de grupos sociais, coletivas, para a transformação social.

São as lutas moralmente motivadas de grupos sociais, sua tentativa coletiva de estabelecer institucional e culturalmente formas ampliadas de reconhecimento recíproco, aquilo por meio do qual vem a se realizar a transformação normativamente gerida das sociedades (HONNETH, 2003, p. 156).

A terceira esfera, a da solidariedade ou eticidade (HONNETH, 2003), está ligada à convivência em comunidade e remete à aceitação recíproca das qualidades individuais julgadas pelos valores de um grupo, gerando autoestima. Tal esfera é, no entanto, mutável, considerando que os valores das comunidades variam de acordo com a época.

Aproximando do cotidiano dos grupos ligados pelo autismo, ou seja, pela formação das suas configurações comunicativas que utilizam de recursos midiáticos e, neste caso, são espectadores da série em análise, entendemos que é possível ver nestas narrativas, uma força que também impulsiona desenvolvimentos sociais.

O cotidiano escolar representado na série *Atypical* analisado sob a perspectiva do reconhecimento

Sam Gardner, personagem principal e com autismo de alto funcionamento⁷ busca uma namorada. O ambiente escolar é o lugar onde o personagem estabelece relações sociais e, portanto, torna-se o espaço de procura por esta experiência. As primeiras cenas da série explicam os comportamentos tipicamente autísticos de Sam: as preferências pelos estudos sobre a Antártida (hiper foco); suas analogias de rotinas da vida social humana com a dos pinguins, seus rituais, características e o seu convívio escolar, foco de análise nesta pesquisa.

No primeiro episódio, adentrando o espaço físico do ambiente escolar, Sam aparece com fones de ouvido e com os olhos bem abertos, em seu entorno todos movimentam-se e demonstram certa euforia, conversam, interagem, Sam caminha entre eles, mas não integra nenhum dos grupos que se formam nas extremidades do corredor, apenas observa. O *close* da câmera em Sam enfatiza a permanência de sua caminhada solitária e sua feição expressa incômodo. Algumas garotas olham em sua direção,

⁷ Termo usado para caracterizar pessoas com autismo consideradas com maior “funcionalidade” ou “habilidades” em realizar atividades do cotidiano, para interagir ou tomar decisões. Existem basicamente três níveis diferentes de autismo, que variam de leve a grave. Em 2013 no DSM-5, a Associação Americana de Psiquiatria agrupou todos os transtornos relacionados ao autismo em um único diagnóstico, o TEA. O autismo de alto funcionamento, conhecido também como Transtorno de Asperger, pertence ao TEA de Nível 1 ou grau leve (RUSSO, 2018).

sorriem e acenam, mas é outro menino que as cumprimenta. É um cenário típico escolar, de diversas narrativas ficcionais americanas em que o personagem se sente oprimido num universo que exclui alunos impopulares. Sam vive o drama adolescente edesabafa: “eu sou esquisito, é o que todo mundo diz”. Revelando o modo de ver o mundo sob a perspectiva autista, Sam revela que “a escola é cheia, barulhenta e com cheiro estranho [...] que tem muitas garotas [...] mas elas nem notam a minha presença” (ATYPICAL, 2017, cap. 1). Tais expressões mostram a existência de um sentimento de desvalia, proveniente da ausência de estima social ou da sua condição autista, como um rebaixamento pessoal que impede que Sam desfrute de um determinado valor social que, por sua vez, abriga as características culturais de *status* de sua sociedade, da sua escola.

Se Sam não é ao menos notado em sua chegada ao colégio, outra aluna se faz vista e isso não lhe é favorável, tem o armário escolar, localizado no corredor, lugar de passagem e vislumbre de todos, pichado com a palavra ‘orca’. Enquanto a maioria observa o armário, fotografa e parece ignorar a presença da colega vítima de *bullying*, é Casey, irmã de Sam, a única a se solidarizar e socar uma das alunas, Dani B., que zomba da situação. Além dos pais, Doug e Elsa Gardner, Casey, a primogênita, também cuida de Sam e se mostra responsável por ele. Ajuda-o, inclusive, a montar um perfil num site de relacionamentos, mentindo algumas das respostas de Sam, que prefere sempre falar sobre os pinguins. Ao se justificar para a família, Casey explica que deu o soco em Dani por conta da ofensa feita à outra aluna, além de ser uma “puta⁸”. Esta palavra ecoa nos ouvidos de Sam que, num comportamento autístico (ecolalia), a reproduz mentalmente por bastante tempo. Quando Evan, o namorado da irmã, bate a campainha, a palavra salta da boca de Sam: “puta!”. Evan não entende e pergunta para Casey: “qual é o problema do seu irmão?” Casey defende Sam, que finaliza: “minha irmã não deixa ninguém bater em mim!” (ATYPICAL, 2017, cap. 1).

O desrespeito público com a garota gorda ou a dificuldade de se compreender os comportamentos de Sam, por exemplo, são gatilhos da série que desencadeiam conflitos sociais. Honneth (2003, p. 207) destaca que as “relações de estima social estão sujeitas a uma luta permanente na qual os diversos grupos procuram elevar, com os meios da força simbólica e em referência às finalidades gerais, o valor das capacidades associadas

⁸ A expressão original, em inglês, utilizada por Casey é *twat* (vulgar). Na dublagem foi usado o termo “puta”.

à sua forma de vida”. Isso significa que o resultado das lutas sociais depende, portanto, da força simbólica que um determinado grupo consegue estabelecer, inclusive para alcançar a atenção pública, por vezes dificilmente influenciável (HONNETH, 2003). Essa prática de solidariedade, exercida por Casey em defesa da garota agredida, que transcende a causa do autismo e apoia outros tipos de necessidades, exerce também uma forma de busca por reconhecimento, com efeitos na sociabilidade.

Zahid, o amigo, tenta ensinar Sam sobre como lidar com as mulheres. Este personagem também tem comportamentos pouco convencionais e não explora as dificuldades de Sam nesta relação de amizade, não parece se prender ao fato de Sam ter autismo. Ao contrário, tenta ensiná-lo a conquistar as mulheres não duvidando dos seus potenciais. O personagem anota todas as dicas sobre conquistas entregues pelo amigo. Observando o comportamento de Zahid com as mulheres, Sam reflete: “de todos os que eu conheço, ele é o melhor com garotas” (ATYPICAL, 2017, cap. 2).

Porém, para o protagonista autista, tudo é literal. Ao abordar um grupo de alunos na escola, é ridicularizado pois os questiona de forma literal e pouco convencional, buscando mais informações sobre a conquista. Os jovens se irritam e, por isso, riem e o ridicularizam. Sam percebe e entra em crise. A menina abordada tenta encerrar a chacota e reforça: “deixa ele em paz, ele não é normal!” (ATYPICAL, 2017, cap. 2). Nesta cena, Sam aparece em primeiro plano e o fundo é desfocado; após toda a zombaria o foco é na iluminação do corredor que fará a transição para a cena do personagem no consultório de terapia, lembrando em *flashback* o momento que vivenciara - com todos falando rapidamente, a câmera enfoca em partes dos rostos dos garotos que fazem *bullying* com o colega, até que Sam sai correndo e o *close* é em seu rosto em movimento, evidenciando o sentimento de tensão. Enfim, o personagem encontra-se em casa e ao pai, Sam revela: “eu sou normal!”. Doug o consola e diz que o importante é não desistir, afinal, uma garota poderá, sim, vir a gostar dele (ATYPICAL, 2017, cap. 2).

As polaridades (normal *versus* anormal, típico *versus* atípico, deficiente *versus* eficiente) estão presentes nas práticas discursivas que norteiam o autismo e nos ambientes onde estes sujeitos vivem, como a escola. Vale lembrar que os estigmas contribuem com a configuração de padrões interpretativos que deixam marcas nos indivíduos, na imagem acerca do autismo e que regulam os moldes de vida destes

sujeitos e da sociedade que se constitui no seu entorno, como os colegas e comunidade educativa.

É no ambiente externo da escola que Sam aborda uma colega, que poderia ser sua “namorada de treino”, pois gosta mesmo é da sua terapeuta Julia. A menina está preparando-se para ir embora de bicicleta quando Sam aproxima-se e a chama para sair, ela acha fofo, mas diz que está ocupada, ele vai embora, mas retorna em um impulso dizendo que não disse o dia do encontro, que seria na sexta-feira, às 6h da tarde, ela reforça que estará ocupada. Sam sai novamente, para retornar mais uma vez, insistindo, caso não possa na sexta, poderia ser na quinta-feira. É quando a garota fica irritada e deixa explícito que não quer sair com ele. Sam quer saber o motivo: ele seria esquisito, além de usar as mesmas roupas todos os dias. Ela também teria conhecido ‘um cara no verão’, mas a partir desse fato Sam parece já não a ouvir, a câmera foca no garoto, pensativo, o som da voz da menina já não nos é audível, o enfoque é no rosto petrificado de Sam.

A rotina e a repetição de padrões, presentes no autismo, são novamente trazidos à tona na série. Este *feedback* encoraja Sam a querer comprar outras roupas, mesmo que isso represente um problema para si próprio, pois para um autista a repetição é algo previsível e, portanto, que o equilibra, além da diferenciação de cores e texturas representar certo desconforto sensorial (ATYPICAL, 2017, cap. 3). Incomodado com todos os estímulos sensoriais causados pela jaqueta que comprou com o objetivo de chamar a atenção de uma garota, Sam novamente associa este fato à vida animal. O protagonista entende que, assim como as lagostas e cobras trocam de carapaça e pele, quando crescem, em pensamento compreende que ele também precisa se livrar da sua camada exterior, referindo-se, de fato, à necessidade de expor o que existe dentro de si mesmo.

Esta situação evidencia os padrões normativos e a necessidade de enquadramentos sociais, ou seja, o quanto os sujeitos ainda são ou deixam de ser reconhecidos pelos padrões. Notamos, então, que Sam tem a sua importante essência negligenciada, mesmo contrariado, afinal, intimamente o protagonista não vê sentido nas novas roupas e se sente incomodado. Há, por outro lado, a necessidade de se evidenciar as suas capacidades, representando-as de modo coletivo, para que mais facilmente seja possível a elevação do seu valor social ou da sua reputação entre os seus membros. Enfim, quando se estabelece uma experiência de reconhecimento por um

determinado ator social representante do autismo, pode ocorrer um sentimento de orgulho no seu grupo, ou “honra coletiva” (HONNETH, 2003, p. 209), promovendo condições de realizações comuns e de relações solidárias, já que seus membros se estimam de maneira simétrica. Assim, objetivos comuns passam a ser realizáveis.

Uma garota da escola observa os comportamentos atípicos de Sam e, ainda assim, demonstra interesse pelo garoto. Na escola, o papel de apoio era da irmã, mas, agora, outra pessoa ganha espaço neste ambiente. Casey faz atletismo e, por bom desempenho no esporte, é selecionada para ingressar em uma escola de renome, a Clayton Prep e, conseqüentemente, deixar a escola onde estuda com o irmão. A mãe se opõe, pois acredita que a mudança não daria certo, já que Sam permaneceria na escola atual e, na sua visão, é dependente da irmã (ATYPICAL, 2017, cap.4).

Contrariada, mas dizendo apoiar a filha na escola nova, Elsa faz questão de ressaltar as adversidades da mudança, como a distância, o dinheiro e o afastamento de Sam. Casey vive o mesmo conflito, dúvidas sobre o irmão e tenta protegê-lo. A irmã alerta Paige sobre o risco de Sam tornar-se dependente dela na escola e saber que, em algum momento, a namorada poderia deixá-lo. Para Casey, Paige não entende a condição do irmão e estaria piorando as coisas. Sam irrita-se com o fato de a irmã interferir em seu namoro.

- [...] não preciso que atrapalhe minha vida (Sam).
 - Meu Deus, eu só quis ajudar. Não vou estar ao seu lado para sempre (Casey).
 - Que bom (Sam).
 - Sam! (Casey).
 - Não, você é como a Paige. Mas, em vez de mexer nos meus livros e na minha tartaruga, mexeu na minha namorada. Que bom você ir para outra escola, assim não vai mais me importunar! (Sam)
 - Você não está falando sério (Casey).
 - Sim, estou. Não preciso de você (Sam).
 - Ótimo! Era o que eu queria (Casey).
 - Ótimo! (Sam).
- (ATYPICAL, 2017, cap. 5).

No final da primeira temporada, Sam e Casey conversam durante o baile da escola sobre o fato de Sam permanecer sem presença da irmã neste ambiente:

- Não preciso estudar na Clayton Prep (Casey).
- O que? (Sam)
- É que... Sam, se você precisar de mim aqui, eu posso recusar a bolsa (Casey).
- Seria burrice (Sam).
- Mas... e se acontecer algo como ontem e eu não estiver lá? (Casey)

- Eu sei que você quer me proteger, mas tenho nossos pais e outras pessoas. Você pode ir (Sam).
 - E se você não tiver nossos pais? E se eles não estiverem juntos? (Casey)
 - Se papai estiver no trabalho? Eu esperaria ele. (...) (Sam).
- (ATYPICAL, 2017, cap. 8).

Nestes episódios, bem como nos diálogos transcritos, as potencialidades de Sam são colocadas em questão. O personagem busca sua independência, mas os seus familiares não conseguem entregá-la. Há, portanto, uma dupla condição de dependência: a do Sam e a da sua rede socioafetiva.

Figura 01 - Início da temporada: *close* em Sam enfatiza a solidão.



Fonte: *Frame* da série *Atypical*.

De todo modo, enquanto Sam torna-se independente da mãe e da irmã, ele aproxima-se do pai, até então menos presente, que o ajuda nas frequentes dúvidas sobre o primeiro amor, namoro e a criação de um Iglu para o baile, simulacro de uma casa de gelo onde Sam entende-se com a namorada Paige, comunicando-se verbal e fisicamente. Inclusive, é no baile da escola que todos usam fones de ouvido, impedindo que as músicas da festa se tornem impedimento para a participação do colega autista no evento - todos assemelham-se ao personagem em sua primeira aparição no ambiente escolar na série, quando adentra a escola usando fones de ouvido (figura 01).

Figura 02 - fim da temporada: plano de Sam em movimento dançante dá a ver a interação das personagens.



Fonte: *Frame da série Atypical.*

É na pista que o personagem dança com os colegas, integrado (figura 02) - Sam consegue “continuar o curso da vida apesar de X” (FONTANILLE, 2014, p. 70), construindo escapatórias e relações sensíveis, a câmera que, nas situações de interações sociais com os colegas da escola, antes privilegiava o enfoque no rosto solitário de Sam, no último episódio mostra um plano aberto de um Sam que dança entre amigos no baile da escola.

Considerações finais

Sem a pretensão de valorizar potenciais autistas *savants*, destacar as dificuldades da deficiência ou ainda os desafios superados, muito comuns narrativas ficcionais, a série *Atypical* dá foco na rotina de vida do protagonista em seus ambientes familiar, escolar e social. O foco, portanto, são as relações estabelecidas por Sam e o que frutifica delas e não o autismo ou a deficiência em si.

Assim, o Sam é apresentado como sendo uma pessoa complexa, com vontades, desejos, problemas e questões que não podem ser explicadas apenas pelo autismo, mas como um personagem que vai além de seu diagnóstico.

Nesta perspectiva, a ressignificação do TEA na série e na *re-apresentação* do ambiente escolar vão acontecendo de modo leve e natural, num processo de modificação dos filtros sociais pelos quais o autismo e seus acontecimentos são percebidos, alterando, assim, o modo e os padrões como anteriormente eram definidos.

Mühl e Esquinsani, ligados às práticas da educação, favorecem a compreensão da ressignificação como um processo que, ao se efetivar, modifica também as formas de ação da sociedade. Ou seja, para um novo significado, esperam-se novas atitudes. Assim, quando se modifica o filtro, altera-se conseqüentemente o significado e, então, é possível aprender a pensar e sentir de outro modo sobre os fatos da vida, entender o mundo sob nova ótica e considerar novos padrões.

Como princípio pedagógico, o diálogo tem sido destacado como um importante recurso de transformação da educação, tanto no contexto escolar como nos mais diferentes movimentos sociais; é um importante meio de que a humanidade dispõe para promover uma interação criativa entre os diferentes personagens da vida cotidiana (MÜHL & ESQUINSANI, 2004, p. 7).

Para os teóricos, isso significa dizer que um indivíduo só se reconhece na relação com o outro, “nas interações sociais; em outros termos, a relação cognoscitiva não é uma relação direta do sujeito com o objeto, mas uma relação sempre mediada por compreensões e entendimentos constituídos por interações dialógicas no cotidiano” (MÜHL & ESQUINSANI, 2004, p. 8). Neste sentido, a ressignificação complementa as lutas por reconhecimento do autismo, à medida que se configura como um movimento capaz de desenvolver outras capacidades de compreensão das circunstâncias da vida.

Notamos, contudo, que os achados enunciados na série revelam que a ressignificação não se dá apenas para o autismo e seus estigmas (significado do transtorno e das suas polaridades) ou ainda para o seu portador (Sam, o personagem com autismo), mas contribui com os interlocutores, para as redes socioafetivas dos portadores de autismo e para a sociedade que luta por reconhecimento destas diferenças.

Nestas relações, concluímos que tais lutas contribuem, de forma importante, com a formação de um capital social do autismo capaz de produzir novos padrões de fala e de comportamentos, num processo de transformação social que permite, como já mencionamos, pensar-se em um novo significado para o autismo e para os seus membros.

Referências

- BAILIN, Aiyana. **Esclarecendo alguns equívocos sobre a neurodiversidade**. 2019. Disponível em: <https://blogs.scientificamerican.com/observations/clearing-up-some-misconceptions-about-neurodiversity/?redirect=1>. Extraído em 15 out. 2019.
- FLOCH, Jean-Marie. **Alguns conceitos fundamentais em semiótica geral**. Documentos de Estudo do Centro de Pesquisas Sociosemióticas. São Paulo: Centro de Pesquisas Sociosemióticas, 2001.
- FONTANILLE, J. (2014). Quando a vida ganha forma. In: NASCIMENTO, E. M.; ABRIATA, V. L. R. (Orgs.). **Formas de vida: rotina e acontecimento**. Ribeirão Preto: Editora Coruja, p. 55- 85.
- GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução: Mathias Lambert, 1963. Data da Digitalização: 2004.
- HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais** (Trad. Luiz Repa). São Paulo: 2003.
- JUNIOR, Paiva. Casos de autismo sobem para 1 a cada 68 crianças. Revista **Autismo**. Disponível em: <<http://www.revistaautismo.com.br/noticias/casos-de-autismo-sobem-para-1-a-cada-68-criancas>> Publicado em 28 mar. 2014. Acesso em: 15 out. 2019.
- MÜHL, Eldon Henrique; ESQUINSANI, Valdocir Antonio (Orgs.). **O diálogo ressignificando o cotidiano escolar**. Passo Fundo: UFP, 2004.
- RUSSO, Fabiane. **Entenda o termo “autismo de alto funcionamento”**. Portal NeuroConecta. Disponível em <https://neuroconecta.com.br/entenda-o-termo-autismo-de-alto-funcionamento/>. Extraído em: 28 dez. 2019.
- SINGER, Judy. 1999. “Why can’t you be normal for once in your life?” From a ‘problem with no name’ to the emergence of a new category of difference”. In: M. Corker & S. French (Orgs.). **Disability discourse**. Buckingham. Philadelphia: Open University Press. pp. 59-67, 1999.
- SODRÉ, Muniz. **As estratégias sensíveis: afeto, mídia e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006
- SODRÉ, Muniz. **Televisão e Psicanálise**. São Paulo: Ática; 2000.
- UNIVERSO AUTISTA. **Síndrome de Savants: o que é síndrome Savant**. Disponível em: <<http://www.universoautista.com.br/autismo/modules/altern8news/article.php?storyid=19>>. Acessado em: 18 out. 2019.
- VANOYE, Francis; GOLLIOT-LÉTÉ, A. **Ensaio sobre a análise fílmica**. Campinas, Papyrus, 1994.
- Série**
- ATYPICAL. Criação de Robia Rashid e Direção de Seth Gordon. Temporada 1, com 8 episódios (26-38min.). Distribuída por Netflix. EUA, 2017.